



ST – 27 - Partidos, Eleições e Sistemas

Estrutura partidária e saliência discursiva nas eleições de Donald Trump e Jair Bolsonaro

Maria do Socorro Sousa Braga

Professora e Pesquisadora da UFSCar

Flávio Contrera (UFSCar)

Pós-Doc do PPGPOL/UFSCar (bolsa Capes)

Resumo: Nas últimas eleições presidenciais nos dois maiores países do continente americano, em termos populacionais, foram eleitos dois candidatos de extrema direita. Embora suas ações no governo apontem nesse sentido ideológico, este perfil ainda não foi sistematicamente identificado e analisado. Face a esta lacuna, este trabalho tem como objetivo verificar a saliência de temáticas à direita nos manifestos de campanha de Donald Trump e Jair Bolsonaro e discutir a relação entre essa saliência e o tamanho da estrutura partidária nas campanhas presidenciais do Partido Republicano e do PSL. Para dar conta desses propósitos foi realizada análise dos manifestos de campanha do Partido Republicano e do PSL. O método empregado foi o de Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram que apesar de o PSL e o Partido Republicano partirem de posições estruturais distintas dentro de seus sistemas partidários, Trump e Bolsonaro posicionam-se lado a lado no espectro da direita. Por outro lado, enquanto a análise das ênfases das posições de Trump demonstrou que o perfil de seu manifesto se alinha ao perfil de uma direita histórica e tradicional, a análise das ênfases das posições de Bolsonaro apontou para uma nova direita que critica o sistema político e promete soluções através do neoliberalismo econômico.

Palavras-Chave: estrutura partidária, extrema-direita, saliência discursiva, eleições presidenciais estadunidense e brasileira

Introdução

Nas últimas eleições presidenciais nos dois maiores países do continente americano, em termos populacionais, foram eleitos dois candidatos identificados por parte da opinião pública como sendo de extrema-direita. Embora suas primeiras ações no governo apontem nesse sentido ideológico, este perfil ainda não foi sistematicamente identificado e analisado. Face a esta lacuna, este trabalho tem como objetivo verificar a saliência de temáticas à direita nos manifestos de campanha de Donald Trump (EUA, em 2016) e Jair Bolsonaro (Brasil, em 2018) e discutir a relação entre essa saliência e o tamanho da estrutura partidária nas campanhas presidenciais do Partido Republicano e do PSL.

A hipótese a ser verificada é a de que, considerando a caracterização do PSL enquanto um partido pequeno, inserido em um quadro de competição multipartidária, haveria uma tendência maior de Bolsonaro proferir posições mais radicais do que Trump. Comparar a saliência das temáticas produzidas por Trump e Bolsonaro é primordial para testar esta hipótese e dimensionar a importância de diferentes temáticas para os candidatos.

Ainda que a trajetória política de Donald Trump e Jair Bolsonaro guarde diferenças, tendo em vista que quando decidiram concorrer à presidência o primeiro estava focado em sua carreira como empresário e o segundo era um congressista há 28 anos, suas estratégias eleitorais apresentam grandes semelhanças. Ambos fizeram uso de um discurso ideologicamente conservador, de caráter populista e *antiestablishment*. Igualmente, eles também criticaram a mídia tradicional e fizeram intensa utilização das mídias sociais durante suas campanhas eleitorais.

A vitória eleitoral de ambos mostra que a utilização dessa estratégia foi bem-sucedida. No entanto, uma particularidade merece ser evidenciada. A estrutura de seus partidos. Trump, mesmo podendo ser candidato independente, buscou sua indicação dentro do Partido Republicano, um dos dois principais partidos do sistema partidário estadunidense. Bolsonaro, por outro lado, foi candidato por um pequeno partido dentro do sistema partidário brasileiro, o Partido Social Liberal.

A definição de partido pequeno não é consensual dentro da literatura. Gerring (2005), por exemplo, considera como “pequeno” qualquer partido que não seja um dos dois principais dentro de um sistema. Mair (1991), por sua vez, estipula como critério o recebimento de votos de menos de 15% do eleitorado. Assim como Smith (1991) e

O'Malley (2009) consideramos a caracterização de um partido como “pequeno” uma qualidade sistêmica. Isto é, um pequeno partido no Brasil pode não ser um pequeno partido na África do Sul. Assim, sua caracterização é comparativa dentro do próprio sistema. A este respeito, podemos considerar o Partido Republicano como um partido grande dentro do sistema partidário estadunidense, e o Partido Social Liberal como um partido pequeno dentro do sistema partidário brasileiro. Ainda que o tamanho do partido pareça ser uma característica decisiva para o sucesso eleitoral, a escolha partidária de Trump e Bolsonaro não foi ocasional, ela reflete a racionalidade competitiva dentro dos sistemas partidários.

Nos Estados Unidos há uma série de constrangimentos institucionais que limitam a capacidade competitiva de candidatos independentes ou terceiros partidos. A limitação mais óbvia advém da adoção do sistema eleitoral distrital puro, que segundo Duverger (1951), condiciona a competição, através dos efeitos mecânico e psicológico, a apenas dois partidos. A descentralização federativa também constitui um obstáculo importante, visto que para constar na cédula de votação, o partido necessita colher assinaturas e estar organizado na respectiva unidade federativa. Além disso, as legislações eleitorais estaduais ordenam as cédulas privilegiando os dois maiores partidos e o financiamento eleitoral federal é restrito apenas a partidos com *recall* eleitoral (KATZ; KOLODNY, 1994; DWYRE, 2010). Por fim, a prática do *gerrymandering* reforça a polarização entre os dois principais partidos e elimina a possibilidade de terceiras forças emergirem competitivamente (CARSON et al, 2007). Nesse sentido, a escolha de Trump em competir por uma indicação dentro do Partido Republicano demonstra-se uma resposta racional ao constrangimento institucional.

No sistema partidário brasileiro há limitações importantes aos pequenos partidos. Os dois principais recursos eleitorais, o tempo de rádio e televisão e o recebimento de recursos do fundo partidário, dependem do sucesso eleitoral dos partidos em eleição anterior, o que favorece os maiores partidos. Enquanto político do “baixo clero”, Bolsonaro não ocupou cargos importantes no Legislativo e marcou oposição aos governos de PSDB e PT. Impedido de concorrer por partidos grandes e médios, restou à Bolsonaro competir por um partido pequeno. A racionalidade desta escolha é expressa pela flexibilidade dos pequenos partidos para recrutar lideranças *outsiders* e para responder à novos desafios que entram na agenda pública. Novas questões podem desafiar a coesão e estabilidade que existem nos grandes partidos, tendo em vista que estes se caracterizam por serem coalizões de interesses mais amplas e diversas que os pequenos

partidos. Conforme argumenta O'Malley (2009), novas questões são absorvidas com maior flexibilidade pelos pequenos partidos, que podem ser mais ideológicos e voltados à objetivos políticos específicos.

As questões priorizadas pelos partidos, grandes ou pequenos, são afetadas também pela estrutura da competição dentro do sistema partidário. De acordo com Downs (1957), em sistemas bipartidários os partidos tendem a convergir para o centro do espectro ideológico, onde a maioria da opinião pública estaria posicionada. Em contraste, em sistemas multipartidários os partidos distribuiriam-se ao longo de todo o espectro ideológico. Enquanto em sistemas bipartidários haveria um incentivo para os partidos serem mais ambíguos a respeito de suas posições em questões, nos sistemas multipartidários os partidos tenderiam a ser relativamente claros quanto a suas políticas.

As questões abordadas por Donald Trump e Jair Bolsonaro serão aferidas por meio da análise dos manifestos de campanha do Partido Republicano e do PSL. O método empregado é o de Análise de Conteúdo. Especificamente, utilizamos como referência para analisar os documentos o quadro categórico criado pelo *Manifesto Research on Political Representation* (MARPOR). Este quadro é composto por 56 categorias temáticas, as quais serão a referência para classificar os assuntos emitidos pelos candidatos.

Organizamos este trabalho da seguinte maneira. Na seção seguinte, serão levantadas considerações teóricas e contextuais. A terceira seção descreve a fonte de dados e a metodologia do estudo. A quarta seção volta-se para verificar o tamanho da estrutura partidária de campanha e a saliência temática eleitoral dos candidatos. E, finalmente, a última seção elenca as considerações finais.

Considerações Teóricas e Contextuais

Para realizarmos esta análise partimos de três pressupostos teóricos. O primeiro é o de que os partidos políticos escolhem suas posições políticas estrategicamente. Assim, normalmente os partidos devem tentar ser o mais centristas possíveis para alcançar o apoio do eleitor mediano. Na competição partidária, sob as premissas downsianas mais simples, existem incentivos claros para os partidos convergirem para o eleitor mediano (Downs, 1957; Grofman, 2004). Mas quando os partidos tem que se diferenciar de seus concorrentes a tendência será assumir posições relativamente extremas. Essa deve ser a tendência observada em contextos multipartidários ou onde há a introdução de primárias,

cujos incentivos centrífugos podem levar os partidos a ampliar sua distinção ideológica aos olhos dos eleitores (Spoon, 2009). Portanto, esperamos que os partidos se deparem com um conjunto de incentivos, alguns empurrando-os para o centro político, outros empurrando-os para os extremos.

Neste artigo, sugerimos que tanto nas eleições norte-americanas de 2016 quanto na brasileira de 2018 houve incentivos para que as candidaturas vitoriosas optassem por posições extremas visando o maior ganho eleitoral. No caso da candidatura de Donald Trump ele teve que se diferenciar tanto de seus próprios colegas de partido nas primárias¹, quanto de seu principal rival, o Partido Democrata, cuja candidata Hillary Clinton, assumiu o centro da disputa eleitoral². Enquanto a candidatura de Jair Bolsonaro, pelo Partido Social Liberal (PSL), buscou se diferenciar, particularmente, dos principais concorrentes nas disputas presidenciais desde 1994, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), pela centro-direita, e o Partido dos Trabalhadores (PT), pela centro-esquerda³.

Em ambos os contextos, Trump e Bolsonaro buscaram se diferenciar das demais forças políticas apelando para um discurso marcado por questões *antiestablishment* político, nacionalismo, protecionistas e moralistas. No Brasil, somou-se ainda o posicionamento antiesquerda e apelo à defesa do porte de armas. Diante de governos mal avaliados pela opinião pública, e do crescimento do descrédito da classe política em meio à forte crise política (turbinada com as frequentes denúncias de corrupção pela operação Lava Jato) e econômica⁴, no caso brasileiro, o posicionamento em direção à extrema-direita foi crucial para essas duas candidaturas atraírem forte apoio eleitoral.

Nos dois contextos, portanto, existiram incentivos estratégicos para as respectivas candidaturas partidárias enfatizarem posições extremas, ou seja, Trump e Bolsonaro

¹ 17 candidatos participaram das primárias dos Republicanos. Este foi o maior número de candidatos em uma eleição primária presidencial em toda a história dos Estados Unidos.

² Mais 10 candidatos participaram do pleito de 2016. O candidato Bernie Sanders, independente, assumiu a posição de esquerda, obtendo 0.08% dos votos.

³ Mais 10 partidos concorrem nesse pleito.

⁴ Trump e Bolsonaro e seus respectivos partidos são representantes do fenômeno político global denominado de “Nova Direita”, iniciado nos anos 70, constituído por uma aliança político-econômica entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo. Esse movimento assumiu características específicas na América Latina com o fortalecimento da oposição aos governos de esquerda da virada do século em muitos dos países da região. Os princípios que norteiam a Nova Direita latino-americana são os seguintes: a transformação do Estado social em estado mínimo para as políticas sociais e em estado máximo para o mercado; o predomínio de propostas de alívio à pobreza; a flexibilização dos direitos trabalhistas, em lugar de políticas de pleno emprego; a mercadorização das políticas sociais; sua tradução em diretrizes para as políticas públicas setoriais de caráter ultrarreacionárias e liberalizantes, entre outros aspectos que definem a atuação da Nova Direita em escala mundial.

tiveram boas razões para querer se diferenciar das demais opções políticas nas duas sociedades comparadas. Kitschelt (1994: 118) chama essa estratégia de '*diferenciação do produto*' e a vê como uma chave para explicar o sucesso eleitoral.

O segundo pressuposto é o de que nessa avaliação das estratégias partidárias, além das posições assumidas durante a campanha eleitoral, devemos investigar também a saliência das questões defendidas (Budge e Farlie, 1983). Importante notarmos que as estratégias do partido em relação à saliência política e posição não são necessariamente separadas, mas também podem ser elementos complementares de esforços na busca de ampliação dos votos (Meguid; 2005, 2008). Mais precisamente, os partidos visando maior êxito eleitoral deverão, necessariamente, enfatizar àquelas posições dentro do perfil programático. Caso haja incentivos para se envolver na diferenciação de políticas, haverá posições extremas no sentido de prometerem benefícios significativos para obterem votos.

Contudo, os incentivos para os partidos aumentarem sua distinção ideológica não são iguais para todos eles. Isso significa que os incentivos para dar importância a posições extremas variarão de partido para partido num mesmo sistema partidário, mas também pode variar dentro de um mesmo partido conforme a relevância da questão no programa partidário, ou ainda na campanha de um candidato. Assim, supomos que esses incentivos devem ser mais fortes para pequenos e grandes grupos antissistemas. Em relação a cada área política específica, os incentivos também devem ser maiores para posições distintas em comparação com as dos concorrentes e em questões negligenciadas pelos outros partidos. Em sua formulação original, saliência e posição políticas eram formas alternativas de entender o relacionamento dos partidos com questões políticas. No entanto, esses dois atributos do problema são atualmente mais frequentemente tratados como complementares (Meguid 2005; Benoit e Laver 2006; Kriesi et al. 2008; Tavits 2008). As posições e a importância das questões podem, portanto, ser manipuladas pelos partidos políticos na busca de ganhos eleitorais (Meguid 2005: 349).

O terceiro pressuposto é o de que as decisões posicionais precedem as escolhas de saliência estratégica do partido. Ou seja, as posições são mais centrais para um partido que a saliência. Enfatizamos que as posições políticas, ao constituírem a ideologia partidária, estão intimamente ligadas a uma identidade pública do partido, o que por sua vez é o seu principal atrativo eleitoral (Adams et al. 2006, Spoon 2009). Além disso, como afirma Aldrich (1983), os filiados do partido se preocupam com as posições que o partido assume, provavelmente mais do que a importância que dá a cada questão. Como

resultado, ao emitir a saliência pode ser mais fácil para um partido mudar, do que ao emitir posições (Petrocik, 1996).

Em síntese, assumimos que as posições políticas são exógenas e o nível de relevância das questões são endógenas. Contudo, embora assumidas como dadas, as posições políticas provêm de uma variedade de fontes. Os partidos numa democracia liberal são geralmente motivados por três objetivos fundamentais: política, cargos e votos (Strøm, 1990), e esses elementos orientarão a escolha da posição do partido. Embora o modelo mais puro de maximização de votos downsiano preveja que os partidos avancem em direção ao centro político (Downs, 1957), as experiências reais de competição política em variados contextos institucionais provaram que a convergência mediana não é de forma alguma perfeita, e várias explicações para ampliar o modelo espacial downsiano foram oferecidas (Aldrich 1983a,b; Miller e Schofield 2003; Schofield 2003; Grofman 2004; Adams et al. 2005; Schofield e Sened 2006). Por outro lado, ao escolher a importância que desejam dar às suas posições políticas, os partidos também são motivados por políticas, cargos e votos. Pode haver razões importantes baseadas em políticas para enfatizar posições extremas, especialmente se elas ajudarem a reforçar o apoio entre filiados e eleitores mais próximos de partidos concorrentes (Greene 2002; Petrocik et al. 2003) ou se são propícias à produção de resultados políticos desejados (Grofman 1985; Kedar 2005).

O reaparecimento de partidos e ou candidaturas extremistas e/ou *outlier* em partidos tradicionais, como o Partido Republicano, é um fenômeno contemporâneo global. Vários partidos novos na Europa Central e Oriental combinaram características classicamente populistas como o discurso antielite, a retórica *antiestablishment*, a defesa da democracia direta, ênfase na renovação moral ou conhecimento tecnocrático (Schedler, 1997) com políticas pró-mercado moderadas e uma postura ultraliberal sobre questões socioculturais. Certos partidos como o Movimento Nacional Simeon II na Bulgária em 2001 (Barany, 2002) ou Res Publica na Estônia em 2003 (Taagepera, 2006) obtiveram forte sucesso eleitoral e, imediatamente, se tornaram atores centrais em novos governos de coalizão. Outros alcançaram um sucesso mais modesto, como Assuntos Públicos (VV) na República Checa ou Liberdade e Solidariedade (SaS) na Eslováquia - que entraram nos respectivos parlamentos em 2010 - mas ingressaram em coalizões governamentais facilmente (Hanley & Sikk 2013).

Mas as candidaturas de Trump e de Bolsonaro se aproximariam mais de princípios populista ou carismático? Segundo o sociólogo político Hans-Georg Soeffner (1992: 177-

202), populismo e carisma representam princípios antitéticos. Os populistas são homens simples, camaleões que se adaptam ao seu ambiente; já as figuras carismáticas são tidas como líderes, heróis singulares que se erguem acima da população. O populista se dirige a um público; a personalidade carismática cria uma sequência. Enquanto o populismo está incorporado na vida cotidiana e oferece a perspectiva de continuidade; o carismático visa transcender a vida cotidiana e promete mudar. De acordo com Schedler (1996) candidaturas *antiestablishment* político efetivamente sintetizariam esses estilos opostos de política, à medida que encenariam o populismo carismático. Nesse sentido, gostaríamos de sublinhar três aspectos.

Primeiro, os atores *antiestablishment* se apresentariam como agentes de mudança. Eles são os principais impulsionadores do mundo político, os motores da reforma ou mesmo os revolucionários. A afirmação antipolítica de que a política está na raiz de todo mal social fornece a esses atores um "ponto arquimediano" para intervenção na política, para a melhoria intencional (ou mesmo revolução) da sociedade. Abrem a possibilidade de uma mudança voluntarista de grande alcance social e, portanto, oferecem esperança, às vezes até redenção. Segundo, esses atores compartilham o desprezo do populista pela intermediação política, traduzindo o seu viés anti-institucional.

Em contrapartida observa-se altos graus de personalização dessa atitude. Os partidos cujos candidatos se dizem antipolíticos, que costumavam se descrever como movimentos e não partidos, tendem a formar casos extremos de "partidos personalistas" (Archer, 1992: 15), de organizações com liderança com baixos níveis de diferenciação interna, onde chefes solitários comandam seguidores difusos (Calise, 1994; Perruci e Sanderson, 1989; Pfahl-Traughber, 1994; Rosenstone et al., 1994; Taggart, 1994). Terceiro, os atores antipolíticos estabelecem "medidas de construção de confiança" a partir de novos extremos. Assim, os discursos antipolíticos violam, normalmente, os códigos da linguagem política, como, por exemplo, transgredindo normas de cortesia e autocontrole, ou introduzindo elementos do discurso coloquial como um dialeto. Outros atores antipolíticos tentam exibir virtudes pré-políticas como força e coragem, as qualidades arcaicas do governante pré-moderno, realizando esportes associados ao elitismo, individualismo e alto risco. E, finalmente, a maioria dos atores *antiestablishment* político foge do mundo político para invadir arenas não políticas, como por exemplo, campos da cultura e entretenimento.

De acordo com Ucen (2007) na Europa Ocidental os movimentos populistas foram vistos como esforços para alterar fundamentalmente os paradigmas políticos e

sociais existentes. Mas, como o autor mostra, os partidos populistas da Europa Central Oriental durante os anos 90 defenderam várias ideologias radicais, incluindo socialismo, autoritarismo e nacionalismo. No entanto, para ele desde a virada do século, esses temas parecem ter dado lugar a uma nova forma "centrista" de populismo que estaria voltado para a defesa do *antiestablishment* político nas plataformas partidárias. O novo populismo, argumenta este autor, seria essencialmente uma ideologia a serviço de uma estratégia política de busca de poder.

Essa perspectiva se aproxima da definição de Vladimir Tismaneanu (2002:11) para quem o populismo também seria uma estratégia política para gerar mobilização e entusiasmo em massa por um líder e um partido (ou movimento) entre grupos sociais heterogêneos, opondo-se aos arranjos políticos estabelecidos e defendendo a regeneração fundamental da sociedade, muitas vezes às custas de direitos humanos e liberdades, vida social, econômica e política de minorias. Defendemos que essa definição de populismo, que o concebe como um processo dinâmico, nos auxilia a entender as estratégias extremistas adotadas por Trump e Bolsonaro, os quais enquanto *outlier* na política nacional, agiram no sentido de, primeiro, se diferenciarem dos demais contendores, para, tornando seus posicionamentos *antiestablishment* públicos, conseguirem o maior ganho eleitoral.

Dados e Métodos

Para mensurar o tamanho da estrutura partidária do Partido Republicano consultamos em seu site oficial onde havia organização estadual do partido e comitês de campanha eleitoral e, no site do *Federal Electoral Commission*, consultamos a quantidade de financiamento recebido pelo partido na eleição de 2016. Para mensurar a estrutura partidária do PSL consultamos no site do TSE dados relativos à sua organização estadual, financiamento de campanha e tempo de TV. Tanto no caso do Partido Republicano quanto no caso do PSL esta análise foi feita comparativamente em relação aos demais partidos dentro de seus sistemas políticos.

Para mensurar a saliência discursiva das candidaturas foram analisados os manifestos de campanha de Donald Trump, do Partido Republicano, das eleições presidenciais estadunidenses de 2016 e de Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal, das eleições presidenciais brasileiras de 2018. O manifesto de Trump foi coletado no site do

American Presidency Project. O manifesto de Bolsonaro está disponível na plataforma DivulgaCand do Tribunal Superior Eleitoral.

Para analisar os manifestos empregamos um método quantitativo de Análise de Conteúdo semântica e categorial. O objetivo de tal metodologia é verificar a importância de uma temática em decorrência de sua frequência de aparição em um documento (BARDIN, 2002). No caso da análise de manifesto partidário existe um método específico de categorização elaborado pelo *Manifesto Research on Political Representation* (MARPOR). Fundado no início dos anos 1970 como *Manifesto Research Group*, o MARPOR desenvolveu um quadro temático composto por 56 categorias, divididas em sete grandes domínios.

O método consiste na identificação no manifesto de uma quase-sentença e da sua posterior classificação em apenas uma daquelas 56 categorias. O procedimento é repetido até que todas as quase-sentenças presentes em um manifesto sejam identificadas e classificadas. Posteriormente, calcula-se a frequência de aparição de cada uma das categorias classificadas em um manifesto. Nesse ponto da análise já é possível verificar quais temáticas são mais importantes no manifesto do partido analisado.

Adicionalmente, o método permite calcular o posicionamento ideológico de um determinado partidário a partir da frequência daquelas categorias. A escala esquerda-direita do MARPOR é composta por 26 daquelas categorias, sendo 13 consideradas categorias vinculadas à temáticas de esquerda e 13 consideradas categorias vinculadas à temáticas de direita. Da soma das categorias de direita é subtraída a soma das categorias de esquerda. O resultado final é um número que varia entre -100 e +100, sendo esses considerados os posicionamentos extremos à esquerda e à direita, respectivamente.

Resultados e Discussões

Para determinar o tamanho da estrutura partidária de campanha do PSL e do Partido Republicano comparamos dados referente às campanhas desses partidos com outros partidos de seus sistemas partidários. No caso brasileiro, consideramos como recursos estruturais importantes de campanha o grau de nacionalização organizacional do partido, seu tempo de propaganda na TV durante as eleições e o financiamento de campanha. No caso americano destacamos o grau de nacionalização organizacional do partido e o financiamento de campanha. Essas informações podem ser verificadas nos quadros abaixo.

Enquanto que os dados do Partido Republicano demonstram que sua estrutura de campanha estava em um patamar equivalente ao do Partido Democrata, os dados do PSL mostram que o partido não era um dos principais competidores. Tinha entre os 13 partidos que disputaram as eleições em 2018, apenas o 8º tempo de propaganda na televisão, o 9º lugar no ranking de financiamento recebido e o 10º em relação à nacionalização da organização paritária. Com apenas 3 diretórios e 22 comissões provisórias, o PSL organizou-se para o pleito de 2018 apenas a partir de março daquele ano. Em contraste, partidos tradicionais como PT, PSDB de um lado, e partidos menores como PSOL, PSTU e NOVO, de outro, estavam mais institucionalizados organizacionalmente no território nacional.

Quadro 1 – Estrutura Partidária de campanha nas eleições presidenciais brasileiras de 2018.

Partido	Organização Estadual	Tempo de TV	Financiamento Direção Nacional	Financiamento Outras fontes	Total de Recursos recebidos
DC	2 D, 13 CP	8s	R\$ 828.048,67	R\$ 30.401,23	R\$ 858.449,90
MDB	25D, 1 CP	1m55s	0	R\$ 57.030.000,00	R\$ 57.030.000,00
NOVO	17D	5s	R\$ 2.803.936,65	R\$ 1.920.365,46	R\$ 4.724.302,11
PATRIOTA	22CP	8s	0	R\$ 10.930,26	R\$ 10.930,26
PDT	16D, 9CP	38s	R\$ 23.310.995,00	R\$ 918.489,41	R\$ 24.229.484,41
PODEMOS	2D, 19CP	40s	R\$ 3.300.000,00	R\$ 2.139.178,66	R\$ 5.439.178,66
PPL	5D, 18CP	5s	R\$ 456.102,56	R\$ 21.611,79	R\$ 477.714,35
PSDB	23D, 3CP	5m32s	R\$ 53.225.819,59	R\$ 835.579,38	R\$ 54.061.398,97
PSL	3D, 22CP	8s	R\$ 433.346,73	R\$ 3.956.793,63	R\$ 4.390.140,36
PSOL	26D	13s	R\$ 6.013.150,83	R\$ 210.966,00	R\$ 6.224.116,83
PSTU	19D	5s	R\$ 541.971,77	R\$ 35.780,00	R\$ 577.751,77
PT	25D	2m23s	R\$ 33.400.192,20	R\$ 1.963.848,48	R\$ 35.364.040,68
REDE	20D, 3CP	21s	R\$ 6.435.207,20	R\$ 1.764.705,19	R\$ 8.199.912,39

Legenda: em organização estadual – D: Diretório; CP: Comissão Provisória

Quadro 2 – Estrutura Partidária de campanha nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016.

Partido	Organização Estadual	Comitê de Campanha do Candidato	Comitê de arrecadação do Partido	Super PACs	Total de Recursos recebidos
Democrata	50 Estados	US\$ 623.100.000,00	US\$ 598.200.000,00	US\$ 204.000.000,00	US\$ 1.400.000.000,00
Republicano	50 Estados	US\$ 334.800.000,00	US\$ 543.400.000,00	US\$ 79.300.000,00	US\$ 957.600.000,00

Com efeito, PSL e Partido Republicano partiram de posições estruturais distintas dentro de seus sistemas partidários, mas atingiram o mesmo resultado: a vitória eleitoral. Essas foram construídas em um contexto de crescimento de apoio popular a posições mais conservadoras e alinhadas à direita. A análise das posições expressas em seus programas de governo demonstra essa tendência. Os manifestos de campanha de Donald Trump (Partido Republicano) e Jair Bolsonaro (PSL) posicionaram-se lado a lado,

ideologicamente, na escala esquerda-direita do MARPOR. Tanto Trump (35,28) como Bolsonaro (34,33) posicionaram-se à direita.

A análise dos dados dos dois manifestos mostra muitos pontos de convergência entre as candidaturas, mas também mostram diferenças de ênfase substanciais, que apontam para prioridades distintas no campo da direita. Passamos agora a análise desses pontos de convergência e de diferenças de ênfases. A frequência somada das categorias identificadas dentro dos 7 domínios políticos é o primeiro indicador das prioridades que nortearam os manifestos dos partidos. No quadro abaixo, podemos observar as frequências de cada um desses domínios, nos manifestos de Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Quadro 3 – Frequência de domínios políticos temáticos nos manifestos de campanha de Trump e Bolsonaro.

Domínio Político	Frequência	
	TRUMP	BOLSONARO
1. Relações Exteriores	15,65	6,41
2. Liberdade e Democracia	15,47	9,23
3. Sistema Político	6,48	23,59
4. Economia	24,91	30,26
5. Bem-estar e Qualidade de vida	12,5	12,56
6. Princípios da Sociedade	17,93	13,59
7. Grupos Sociais	7,07	4,36

Tanto Trump como Bolsonaro dedicaram mais ênfase ao domínio da Economia. A economia é historicamente a principal questão que divide os partidos tradicionais e ambos os candidatos não desviaram dessa tendência em seus manifestos de campanha. O domínio “Princípios da Sociedade” foi o segundo mais frequente no manifesto de Trump e o terceiro mais frequente no manifesto de Bolsonaro. Este dado é importante porque demonstra que as duas candidaturas promoveram uma ampla discussão sobre valores e costumes em seus manifestos. Ambas as candidaturas dedicaram 12,5% de manifestos à temática do “Bem-estar e qualidade de vida”. Por outro lado, enquanto o “Sistema Político” foi o segundo domínio mais frequente de Bolsonaro, de Trump foi o último, o que pode indicar uma diferença fundamental entre as candidaturas. Com efeito, Bolsonaro manifestou uma proporção muito maior que Trump de posições antissistema. Destacamos ainda diferenças de ênfase substanciais em “Relações Exteriores” e “Liberdade e Democracia”, mais frequentes no manifesto do Republicano. A diferença que existe

nessas duas temáticas pode ser creditada à importância desses domínios nos Estados Unidos.

Até aqui foi possível verificarmos os domínios que tiveram maior impacto nos manifestos. No quadro abaixo apresentamos as frequências individuais das 56 categorias e subcategorias associadas. A partir de agora podemos observar quais temáticas específicas tiveram importância em cada manifesto.

Quadro 4 – Frequência de categorias temáticas nos manifestos de campanha de Trump e Bolsonaro.

Domínio	Categoria	Descrição	Trump	Bolsonaro
Relações Exteriores	101	Relações exteriores especiais: Positivo	1,14	0,26
	102	Relações exteriores especiais: Negativo	0,23	0,77
	103	Anti-imperialismo	0,00	0,00
	104	Forças Armadas: Positivo	6,75	3,33
	105	Forças Armadas: Negativo	0,36	0,00
	106	Paz	0,46	0,26
	107	Internacionalismo: Positivo	3,79	1,54
	108	Integração Continental: Positivo	0,00	0,26
	109	Internacionalismo: Negativo	2,92	0,00
	110	Integração Continental: Negativo	0,00	0,00
Liberdade e Direitos Humanos	201.1	Liberdade	6,48	3,85
	201.2	Direitos Humanos	2,14	1,28
	202.1	Democracia - Geral: Positivo	2,60	0,26
	202.3	Democracia Representativa: Positivo	1,64	0,00
	203	Constitucionalismo: Positivo	2,60	3,85
	204	Constitucionalismo: Negativo	0,00	0,00
Sistema Político	301	Descentralização: Positivo	2,92	2,82
	302	Centralização: Positivo	0,05	0,00
	303	Eficácia Governamental e Administrativa	1,23	12,31
	304	Corrupção Política	0,36	3,85
	305.1	Autoridade Política: Competência Partidária	1,46	4,62
	305.2	Autoridade Política: Competência Pessoal	0,41	0,00
	305.3	Autoridade Política: Governo Forte	0,05	0,00
Economia	401	Economia de Livre-mercado	9,72	6,41
	402	Incentivos: Positivo	1,82	2,82
	403	Regulação Comercial	3,15	4,36
	404	Planejamento Econômico	0,00	0,00
	405	Corporativismo	0,32	0,00
	406	Protecționismo: Positivo	0,36	0,26
	407	Protecționismo: Negativo	0,46	1,02
	408	Objetivos Econômicos	0,00	1,79
	409	Gerenciamento keynesiano	0,00	0,00
	410	Crescimento econômico: positivo	3,24	1,02

	411	Tecnologia e infraestrutura: positivo	4,20	6,41
	412	Economia controlada	0,00	0,00
	413	Nacionalização	0,00	0,00
	414	Ortodoxia Econômica	1,64	6,15
	415	Análise Marxista: Positivo	0,00	0,00
	416	Anti-Crescimento Econômico e Sustentabilidade	0,00	0,00
Bem-Estar e Qualidade de vida	501	Proteção Ambiental	1,19	0,00
	502	Cultura	0,09	0,00
	503	Igualdade	5,70	0,51
	504	Expansão do Bem-Estar Social	2,28	5,13
	505	Limitação do Bem-Estar Social	1,28	2,82
	506	Expansão da Educação	1,23	0,51
	506.1	Melhorar qualidade da Educação*	NA	2,31
	507	Limitação da Educação	0,73	0,26
	507.1	Limitação da Educação (forma e conteúdo)*	NA	0,51
	507.2	Educação à Distância*	NA	0,51
Princípios da Sociedade	601.1	Modo de Vida Nacional - Geral – Positivo	1,51	2,56
	601.2	Modo de Vida Nacional - Imigração – Negativo	1,32	0,00
	602.2	Modo de Vida Nacional - Imigração – Positivo	0,55	0,26
	603	Moralidade Tradicional: Positivo	8,49	1,79
	604	Moralidade Tradicional: Negativo	0,00	0,00
	605.1	Lei e Ordem - Geral – Positivo	3,38	4,36
	605.2	Lei e Ordem - Geral – Negativo	0,64	0,00
	605.3	Lei e Ordem - Pró Armamento Civil*	NA	1,28
	606.1	Civismo - Geral – Positivo	0,73	2,82
	606.2	Civismo - De baixo pra cima	0,18	0,00
	607.1	Multiculturalismo positivo: Geral	0,05	0,51
	607.2	Multiculturalismo positivo: diversidade	0,05	0,00
	607.3	Multiculturalismo positivo: indígenas	0,91	0,00
	608.1	Multiculturalismo negativo: Geral	0,05	0,00
	608.2	Multiculturalismo negativo: assimilação	0,09	0,00
Grupos Sociais	701	Sindicatos: positivo	1,55	0,00
	702	Sindicatos: negativo	0,78	0,77
	703.1	Agricultura e Fazendeiros: Positivo	2,69	3,33
	703.2	Agricultura e Fazendeiros: Negativo	0,05	0,00
	704	Classe Média e Grupos Profissionais	0,00	0,26
	705	Grupos minoritários desprivilegiados	0,00	0,00
	706	Grupos demográficos não-econômicos	2,01	0,00
Totais	TOTAL		100,00	100,00
	TOTAL – Percentual de Categorias de Esquerda		15,78	14,63
	TOTAL – Percentual de Categorias de Direita		51,06	48,96
	TOTAL – RILE - Escala Esquerda-Direita		35,28	34,33

*Subcategoria criada para o manifesto do PSL

Apenas cinco categorias do manifesto de Trump e cinco categorias do Manifesto de Bolsonaro apresentaram ênfase superior a 5%. As cinco categorias com maior ênfase no manifesto de Trump foram “Economia de Livre-Mercado” (9,72%), “Moralidade Tradicional: Positivo” (8,49%), “Forças Armadas: Positivo” (6,75%), “Liberdade” (6,48%) e “Igualdade” (5,7%). Por sua vez, as cinco categorias mais frequentes no manifesto de Bolsonaro foram “Eficácia Governamental e Administrativa” (12,31%), “Economia de Livre-Mercado” (6,41%), “Tecnologia e Infraestrutura” (6,41%), “Ortodoxia econômica” (6,15%) e “Expansão do Bem-estar social” (5,13%).

Do ponto de vista da discussão de modelos de desenvolvimento econômico e de seus impactos no bem-estar e qualidade da vida as ênfases das duas candidaturas apresentam uma ambiguidade. Trump combinou liberalismo econômico e igualdade. Bolsonaro, por sua vez, combinou liberalismo econômico e expansão do bem-estar social. Essa estratégia permitiu que ambos os candidatos se comunicassem com eleitorados socialmente distintos.

A análise das categorias mais frequentes revela também a inclinação das posições das duas candidaturas à direita. A direita de Trump combinou com forte ênfase a tríade liberalismo econômico, segurança e conservadorismo moral. De acordo com Klingemann (2006), o encadeamento entre segurança, livre-comércio e moralidade tradicional remonta aos escritos e discursos teóricos de Burke (1790). Já a direita de Bolsonaro focou-se, sobretudo, no liberalismo econômico. Este, por sua vez, foi combinado com uma forte agenda antissistema, que questionava a eficácia governamental e administrativa das instituições do Estado.

Conclusões

Apesar de o PSL e o Partido Republicano partirem de posições estruturais distintas dentro de seus sistemas partidários, ambos atingiram o mesmo resultado: a vitória eleitoral. Essas foram construídas em um contexto de crescimento de apoio popular a posições mais conservadoras e alinhadas à direita. A análise das posições expressas em seus programas de governo demonstra essa tendência. Os manifestos de campanha de Donald Trump (Partido Republicano) e Jair Bolsonaro (PSL) posicionaram-se lado a lado, ideologicamente, na escala esquerda-direita do MARPOR. Tanto Trump (35,28) como Bolsonaro (34,33) posicionaram-se à direita. Desse modo, apesar dos constrangimentos

e incentivos institucionais favoráveis no sentido do PSL proferir posições mais radicais que o Partido Republicano, isso não ocorreu.

A análise dos dados dos dois manifestos mostra muitos pontos de convergência entre as candidaturas, mas também mostram diferenças de ênfase substanciais, que apontam para prioridades distintas no campo da direita. Tanto Trump como Bolsonaro dedicaram mais ênfase ao domínio da Economia, convergindo nesse ponto com candidaturas de partidos tradicionais. Ademais, é precisamente no campo da Economia onde existe uma ambiguidade programática nas candidaturas. Isso porque Trump combinou liberalismo econômico e igualdade. Bolsonaro, por sua vez, combinou liberalismo econômico e expansão do bem-estar social. Essa estratégia permitiu que ambos os candidatos se comunicassem com eleitorados socialmente distintos e mais amplos.

No que diz respeito às diferenças, a direita de Trump salientou a tríade liberalismo econômico, segurança e conservadorismo moral. Já a direita de Bolsonaro focou-se, sobretudo, no liberalismo econômico. Este, por sua vez, foi combinado com uma forte agenda antissistema, que questionava a eficácia governamental e administrativa das instituições do Estado. Desse modo, enquanto a análise das ênfases das posições de Trump demonstra que o perfil de seu manifesto se alinha ao perfil de uma direita histórica tradicional, a análise das ênfases das posições de Bolsonaro aponta para uma nova direita que critica o sistema político e promete soluções através do neoliberalismo econômico.

Futuramente, compararemos as posições expressas nesses manifestos de campanha com as posições manifestadas pelos candidatos no Twitter e em discursos de campanha. Essa análise complementar os objetivos delineados nesse estudo.

Referências Bibliográficas

Abedi, A. (2004). *Anti-Political Establishment Parties: a Comparative analysis*. London: Routledge.

Bågenholm, A. & Heinö, A.J. (2010). Do anti-corruption parties matter? Paper presented at the Quality of Government conference, Prague, 13-16 December.

ALDRICH, J. "A Downsian Spatial Model with Party Activism." *American Political Science Review* 77: 974–90, 1983a.

ALDRICH, J. "A Spatial Model with Party Activists: Implications for Electoral Dynamics." *Public Choice* 41: 63–100, 1983b.

Amenta, E. & Poulsen, J.D., 1994. Where to Begin A Survey of Five Approaches to Selecting Independent Variables for Qualitative Comparative Analysis. *Sociological Methods & Research*, 23(1), pp.22–53.

ARCHER, R. P. 'Electoral Rules, Party Strength, and Governability in Latin America', paper prepared for presentation at the XVIIth International Congress of the Latin American Studies Association, Los Angeles, 24-7 September, 1992.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Gradiva, 2002.

Barany, Z.D. (2002). Bulgaria's Royal Elections. *Journal of Democracy*, 13(2): 141-155.

Bartels, L. (2013) 'Elections in hard times'. *Juncture*. 16 May Online
<http://www.ippr.org/juncture/171/9124/electionsin-hard-times>

Batory, A. (2010) Europe and the Hungarian Parliamentary Election of April 2010. EPERN Election Briefing No. 51
<https://www.sussex.ac.uk/webteam/gateway/file.php?name=epern-election-briefing-no-51.pdf&site=2>

Bohle, D. & Greskovits, B. (2009). East-Central Europe's Quandary. *Journal of Democracy*, 20(4): 50-63.

Cramme, O (2013) Politics in the Austerity State. London. Policy Network. Online
<http://www.policynetwork.net/publications/4438/Politics-in-the-Austerity-State>

BURKE, E. *Reflections on the Revolution in France*. Londres: James Dodsley, Pall Mall, 1790.

Deegan-Krause, K. (2007). Populism and the Logic of Party Rotation in Postcommunist Europe. In O. Gyárfášová & G. Mesežnikov (eds), *Visegrad Elections: Domestic Impact and European Consequences*. Bratislava: Institute for Public Affairs (IVO).

Deegan-Krause, K. (2010). Czech Dashboard News: New parties and the big picture. 22 May. Online at <http://www.pozorblog.com/2010/06/czech-election-update-time-for-the-bigger-picture/> (2011).

Deegan-Krause, K. & Haughton, T. (2009). Toward a More Useful Conceptualization of Populism: Types and Degrees of Populist Appeals in the Case of Slovakia. *Politics & Policy* 37(4): 821-841.

Demker, M. (2008). A New Era of Party Politics in a Globalised World: The Concept of the 'Virtue Party'. Quality of Government Working Paper No. 2008:20, Quality of Government Institute, Gothenburg. Online at

http://www.qog.pol.gu.se/working_papers/2008_20_Demker.pdf

Duša, A. & Thiem, A. (2012). QCA: Qualitative Comparative Analysis. R Package Version 1.0-5.

Gherghina, S. & Jigla, G. (2011). Explaining Ethnic Mobilisation in Post-Communist Countries Europe-Asia Studies. *Europe-Asia Studies* 63(1): 49-76.

CALISE, M. 'The Media Party: The Founding (and Broadcasting) of the Italian Second Republic', paper prepared for presentation at the ECPR Joint Sessions of Workshops, Madrid, 17-22 April, 1994.

CARSON, J. L.; CRESPI, M. H.; FINOCCHIARO, C. J.; ROHDE, D. W. Redistricting and Party Polarization in the U.S. House of Representatives. *American Politics Research*, v. 35, n. 6, p. 878-904, 2007.

DOWNS, A. *An Economic Theory of Democracy*. New York: Harper and Row, 1957.

DUVERGER, M. *Les Parties Politiques*. Paris: Librairie, 1951.

DWYRE, D. A work in progress: parties and democracy in the United States. In:

KLINGEMANN, H. D.; VOLKENS, A.; BARA, J.; BUDGE, I.; MCDONALD, M. Mapping Policy Preferences II. Estimates for Parties, Electors, and Governments in Eastern Europe, the European Union and the OECD, 1990-2003. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAWSON, K. (Ed.). *Political Parties and Democracy*. Santa Barbara: Praeger, 2010, p. 27-47.

GERRING, J. Minor parties in Plurality Electoral systems. *Party Politics*, v. 11, n. 1, p.79-107, 2005.

HANLEY, S & SIKK, A. Economy, corruption or promiscuous voters? Explaining the success of Anti-Establishment Reform Parties in Eastern Europe. Paper prepared for the ECPR General Conference, Bordeaux 5-7 September 2013 Panel P114 European Party Competition and New Strategies under Societal Turbulence.

KATZ, R. S.; KOLODNY, R. Party Organization as an Empty Vessel: Parties in American Politics. In: KATZ, R. S.; MAIR, P (Eds.). *How Parties Organize: change and adaptation in party organizations in western democracies*. London: Sage Publications, 1994, p. 23-50.

MAIR, P. The electoral universe of small parties in Post-war Western Europe. In *Small parties in Western Europe: comparative and national perspectives*, edited by F. Müller-Rommel and G. Pridham. London: Sage, 1991.

Mair, P., 2006. Ruling the void: The hollowing of western democracy. *New Left Review*, 42, pp.25–51.

MILLER, G.; SCHOFIELD, N. "Activists and Partisan Realignment in the United States." *American Political Science Review* 97: 245–60, 2003.

O'MALLEY, E. *Does size matter? The impact of small parties in government*. A paper prepared for the Joint Sessions Workshop 'Party Government and Parliamentary Democracy in the new Europe', directed by Hans Keman and Ferdinand Müller-Rommel, Lisbon 15-19 April, 2009

PERRUCCI, G.; SANDERSON, S.E. 'Presidential Succession, Economic Crisis, and Populist Resurgence in Brazil', *Studies in Comparative International Development* 24(3): 30-50, 1989.

PFAHL-TRAUGHER, A., ed. *Volkes Stimme? Rechtspopulismus in Europa*. Bonn: Dietz, 1994.

ROSENSTONE, S., BEHR, R.; LAZARUS, E. *Third Parties in America: Citizen Response to Major Party Failure*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984.

SCHEDLER, A. Anti-Political-Establishment Parties. *Party Politics*, vol 2. no.3 pp.291-312, 1996.

SCHOFIELD, N.; SENED, I. "Multiparty Competition in Israel: 1992– 1996." Unpublished manuscript, 2003.

Schneider, C.Q. & Wagemann, C., 2012. *Set-theoretic methods for the social sciences: A guide to qualitative comparative analysis*, Cambridge University Press.

Sikk, A. (2005). How unstable? Volatility and the genuinely new parties in Eastern Europe. *European Journal of Political Research* 44(3): 391-412.

Sikk, A. (2006). *Highways to Power: New Party Success in Three Young Democracies*. *Dissertationes rerum publicarum Universitatis Tartuensis*, 1. Tartu: Tartu University Press.

Sikk, A. (2009) 'Parties and Populism', Centre for European Politics, Security and Integration (CEPSI) Working Paper No.1. Online at <http://www.ssees.ucl.ac.uk/PartiesandPopulism.pdf>

Sikk, A. (2012). Newness as a Winning Formula for New Political Parties. *Party Politics*. 18(4): 465-486.

SMITH, G. In search of small parties: problems of definition, classification and significance. In *Small parties in Western Europe: comparative and national perspectives*, edited by F. Müller-Rommel and G. Pridham. London: Sage, 1991.

TAGGART, P. 'Riding the Wave: New Populist Parties in Western Europe', paper prepared for presentation at the ECPR Joint Sessions of Workshops, Madrid, 17-22 April, 1994.

- Taagepera, R. (2006). Meteoric trajectory: The Res Publica Party in Estonia. *Democratization* 13(1): 78-94.
- Tavits, M. (2008). Party Systems in the Making: The Emergence and Success of New Parties in New Democracies. *British Journal of Political Science* 38(1): 113-133.
- Tavits, M. & Letki, N. (2009). When Left is Right: Party Ideology and Policy in Post-Communist Europe. *American Political Science Review* 103(4): 555-569.
- Učeň, P. (2007). Parties, Populism, and Anti-Establishment Politics in East Central Europe. *SAIS Review* 27(1): 49-62.
- Van Biezen, I. & Wallace, H., 2013. Old and New Oppositions in Contemporary Europe. *Government and Opposition*, 48(03), pp.289–313
- Vanhuyse, P., (2006). *Divide and pacify: strategic social policies and political protests in post-communist democracies*, Budapest ; New York: Central European University Press.
- Veugelers, J. & Magnan, A. (2005). Conditions of far-right strength in contemporary Western Europe: an application of Kitschelt's theory. *European Journal of Political Research* 44(6): 837-860.
- UCER, P. Parties, Populism, and Anti-Establishment Politics in East Central Europe. *SAIS REVIEW* vol XXVII n.1, 2007.
- TISMANEANU, V. "Hypotheses on Populism: The Politics of Charismatic Protest." *East European Politics and Societies* 15, no. 1, 2002.